

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

13 de Outubro de 2020

### S.C.U.M. MANIFESTO 1967 / 1976

um filme de CAROLE ROUSSOPOULOS, DELPHINE SEYRIG

*Realização, Fotografia, Som, Montagem:* Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig *Texto:* Valerie Solanas *Com:* Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig.

*Produção:* Les Insoumuses (França, 1976) *Cópia:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, DCP (a partir da digitalização de uma cópia betacam SP conservada na Mediathèque Valais-Martigny, restaurada pela Bibliothèque National de France), preto-e-branco, falada em francês e legendada electronicamente em português, 29 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

### MASO ET MISO VONT EN BATEAU / 1976

um filme de LES INSOUMUSES

*Realização, Fotografia, Som, Montagem:* Nadja Ringart, Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder *Fotografia:* Carole Roussopoulos *Montagem:* Ioana Wieder, Carole Roussopoulos *Imagens de:* *Encore un jour et l'Année de la femme Ouf! C'est fini.* programa televisivo de Bernard Pivot, emitido na estação televisiva francesa Antenne 2 em 30 de Dezembro de 1975, com Françoise Giroud e as participações de José Arthur, Marcel Julian, Pierre Balearre, Jacques Martin, Marc Féraud, Marc Linski, Alexandre Sanguinetti, Christian Guy.

*Produção:* Les Insoumuses (França, 1976) *Cópia:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, DCP (a partir da digitalização do material vídeo original), preto-e-branco, falada em francês e legendada electronicamente em português, 54 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

#### NOTA

A qualidade de imagem e som das cópias que vamos apresentar, as melhores dos respectivos títulos a esta data, reflecte as características originais do material vídeo.

---

Apertem os cintos de segurança, a sessão vai ter turbulência. Não é Bette Davis quem o sopra na pele de Margot Channing (ALL ABOUT EVE), é o que filmam as Insoumuses dando largas à sua actividade videasta, particularmente fértil no ano de SOIS BELLE ET TAIS-TOI! Não se calavam, não lhes faltava inspiração, divertiam-se enquanto praticavam a militância feminista que lhes fervilhava o pensamento. S.C.U.M MANIFESTO e MASO ET MISO VONT EN BATEAU são particularmente cáusticos, de diferentes maneiras, por recursos a diferentes dispositivos. Apelando a um texto que deu brado pela violência discursiva implícita, no primeiro caso; descontruindo sem apelo nem agravo uma prestação televisiva da então indigitada responsável pelo Secretariado para a Condição Feminina em 1974/76, em França.

Vamos por partes. Parte um: *S.C.U.M. Manifesto 1967* é o radical texto feminista da americana Valerie Solanas, tornado célebre na sequência dos três tiros disparados por Solanas em 1968, na Factory, para atingir Andy Warhol, um episódio famoso. Vulgarizou-se que S.C.U.M. sinalizaria *Society for Cutting Up Men*, exortando à criação de uma organização que eliminasse o sexo masculino da face das instituições que os homens haviam criado e dominavam. Solanas defendeu o polémico manifesto como uma sátira de base filosófica, e o seu título como um recurso literário, e o facto é que o texto, que vai a eito desfazendo a ideia patriarcal do mundo sem eufemismos, conheceu ampla divulgação numa série de línguas e latitudes. Em 1976, encontrando-se esgotadas as edições inglesa e francesa do livro em França, Roussopoulos e Seyrig

decidiram resgatá-lo por via da tradição oral, usando as suas armas de combate ideológico-artístico. A palavra e o vídeo, portanto.

O filme corresponde a uma encenação face a face para a câmara de uma leitura de excertos do texto, com Carole e Delphine face a face no fundo do plano de uma sala-escritório repleta de livros, uma de cada lado da mesa em cujo centro está uma televisão que vai passando noticiário televisivo da actualidade e cujo som Carole vai ligando e desligando. Delphine lê de livro na mão, pontuação incluída. Carole dactilografa durante boa parte do filme, depois, parando de teclar a máquina de escrever cujo ritmo acompanha a voz que lê, escuta simplesmente Delphine. A câmara está fixa: o filme corresponde quase integralmente a um único plano sequência que se vai aproximando delas ou vai sendo sacudido por ocasionais movimentos zoom em diante e recuo, executados por Paul Roussopoulos e Sami Frey, segundo aqui contou Nicole Fernández Ferrer na abertura da retrospectiva. Se *dispositivo* não era termo que se usasse na altura, foi o que Carole e Delphine conceberam para S.C.U.M MANIFESTO. O plano sequência único dura uns 24 dos 28 minutos do filme, acompanhando toda a leitura por Seyrig. Depois, dois ou três cortes mantêm o grande plano da imagem televisiva e a escala média e geral do plano de conjunto, até as duas mulheres abandonarem o quadro enquanto uma voz off fecha o filme, datando-o e assinando-o: “Paris, Agosto de 1976, Delphine e Carol.”

Parte dois: MASO ET MISO VONT EN BATEAU navega o material da emissão televisiva com que Bernard Pivot decidiu assinalar o termo do ano dedicado, em 1975, à mulher, convidando Françoise Giroud para uma entrevista-debate em que comentasse depoimentos de outros convidados homens (jornalistas, um costureiro, um político, um crítico gastronómico, etc. que comungam uma posição genericamente misógina) e se pressuponha divertido (vide o título, uf!) mas com alguma dose de combatividade por parte da governante. É o que Giroud dispensa, ensaiando uma inenarrável tentativa de registo ligeiro que vai deixando o próprio Pivot cada vez mais estupefacto perante tamanha complacência. As Insoumuses viram-se forçadas a reagir em direito de resposta, como dizem. “Sentimos a imensa necessidade de exprimir o nosso ponto de vista, de responder.” Apropriaram-se do material gravado, reuniram-se numa sala de montagem, deram largas à indignação e à imaginação. Trata-se portanto de um filme que trabalha material de arquivo num combate imagens a imagens, sons a sons, palavras a palavras. Carole, Delphine, Iona, Nadja comentam, de viva voz e por escrito, repetem sequências e frases, introduzem cartões, risos e canções, capítulos de títulos irónicos, sublinhando o desconchavo de algumas passagens.

O título é decifrado nos cartões finais, a última declaração de princípio das Insoumuses, que destila a inteligência e o sentido de humor que atravessa MASO ET MISO VONT EN BATEAU: “O nosso objetivo não é comentar a pessoa de Françoise Giroud nem saber se outra mulher teria feito melhor ou menos bem no seu lugar. O nosso objetivo é mostrar que nenhuma mulher pode representar as outras mulheres no seio de um governo patriarcal, seja ele qual for. Não pode senão ENCARNAR A CONDIÇÃO FEMININA oscilando entre a necessidade de agradar (feminização – Maso) e o desejo de aceder ao poder (masculinização – Miso). [...] Nenhuma imagem da TELEVISÃO quer ou pode refletir-nos. O vídeo contar-nos-á.” Contando-se, também cantam dobrando com a sua própria versão de denúncia as palavras de Jean Ferrat na interpretação de *La femme est l’avenir de l’homme*, que fecha a emissão de Pivot. Antes disso, um presente especial para Giroud, a quem Pivot confrontara com o machismo da personagem de John Wayne na sequência em que arrasta pelos cabelos Maureen O’Hara em *THE QUIET MAN* de Ford para a devolver à procedência paterna, sugerindo-lhe que pensasse em Sanguinetti. Giroud volta a não pegar na deixa. As Insoumuses sim: “No lugar de Maureen O’Hara... a Secretária de Estado para a Condição Feminina” a rebolar por terra aos solavancos, em *repeat*. Pois.

Maria João Madeira